

# **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: Reflexões a partir de estudo de caso**

Cristiane Koehler; Marie Jane Soares Carvalho  
Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação,  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGIE/UFRGS)  
[cristiane.koehler@gmail.com](mailto:cristiane.koehler@gmail.com); [marie.jane@ufrgs.br](mailto:marie.jane@ufrgs.br)

**Resumo:** Este artigo apresenta uma discussão sobre os aspectos que envolvem a avaliação da aprendizagem na Educação a Distância a partir de um estudo de caso. Algumas dificuldades encontradas no processo de avaliação da aprendizagem são relatadas. Finalmente, são apresentadas reflexões sobre as possibilidades de interação e de metodologias de avaliação da aprendizagem que podem auxiliar a repensar o planejamento pedagógico dos novos cursos oferecidos nesta modalidade de ensino no Brasil.

**Palavras-Chave:** Educação a Distância, Interação, Avaliação da Aprendizagem.

**Abstract:** This article presents a discussion of the aspects that involve the assessment of learning in distance education from a case study. Some of the difficulties encountered in the process of learning evaluation are reported. Finally, are presented reflections on the possibilities of interaction and learning evaluation methodologies that can help to rethink the pedagogical planning of new courses offered this type of education.

**Keywords:** Distance Learning, Interaction, Learning Assessment.

## **INTRODUÇÃO**

Nos últimos dez anos, a oferta de cursos superiores a distância, no Brasil, teve um crescimento expressivo. O censo da educação superior divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em dezembro de 2007, mostram que de 2003 a 2006, houve um aumento de 571% em número de cursos a distância e de 315% no número de matrículas. Os dados do censo apontam ainda que, em 2005, os estudantes a distância representavam 2,6% do universo de estudantes e, em 2006, essa participação passou a ser de 4,4% (INEP, 2008).

O Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância apresenta que as instituições de ensino brasileiras atenderam um total de mais de 2,5 milhões

de estudantes em cursos desenvolvidos na modalidade a distância no ano de 2007 (ABRAEAD, 2008). Esta pesquisa incluiu não somente alunos matriculados em cursos de instituições credenciadas pelo sistema de ensino brasileiro, mas também em projetos de importância regional ou nacional, como os promovidos pela Fundação Bradesco, Fundação Roberto Marinho e do Grupo S (SESI, SENAI, SENAC e SEBRAE).

O censo de 2010 apresenta um crescimento ainda maior quanto ao número de concluintes, matrículas e oferta de cursos superiores a distância no Brasil. Segundo as Sinopses Estatísticas da Educação Superior, publicada no portal do INEP (INEP, 2011), o país teve um total de 144.553 estudantes concluintes do ensino superior, egressos de um total de 930 cursos de graduação e 930.179 matrículas realizadas. A oferta desta modalidade de ensino vem com o discurso político da inclusão social na educação superior, que tem como objetivo oferecer, a todos brasileiros, o acesso à Universidade em localizações distantes dos grandes centros.

Atualmente, com o acesso à internet, a chegada das tecnologias digitais de rede (TEIXEIRA, 2010) e dos dispositivos móveis (SCHLEMMER *et al.*, 2011), muitos são os recursos disponíveis para viabilizar uma educação a distância (EAD) em rede e *online* (SILVA, 2012). No entanto, muitos dos problemas da educação presencial repetem-se nos cursos a distância, como por exemplo, as dificuldades de aprendizagem, a complexidade do ato de acompanhar e avaliar os estudantes e, os altos índices de evasão. Os altos índices de evasão dos estudantes matriculados já é uma realidade cada vez mais presente nas estatísticas do Ministério da Educação (MEC), como pode ser observado nos dados do censo da educação superior (CENSO, 2012). As estatísticas apresentam números preocupantes sobre o alto índice de desistência dos cursos, o que conduz à comunidade acadêmica a realizar diagnósticos sobre as possíveis causas da evasão na EAD brasileira (CENSOEADBR, 2011).

Segundo as autoras Koehler & Carvalho (2013), recentemente, foi divulgada uma relação dos cursos bem avaliados do ensino superior a distância no Brasil (EMEC, 2011). Ao todo, as instituições de ensino superior brasileiras oferecem 1.430 cursos de graduação a distância que estão cadastrados no portal do MEC. Deste total, 1.208 cursos estão em atividade, 86 cursos estão em extinção

e 136 cursos foram extintos. Do total de cursos em atividade, apenas 13 cursos obtiveram avaliação global com nota máxima. Estes dados mostram que, 90,9% dos cursos de ensino superior oferecidos na modalidade a distância no Brasil, ou ainda não foram avaliados, ou não atingiram a nota máxima na avaliação global de curso realizada pelo MEC. Os números apresentados acima, podem ou não, estar relacionados às questões pedagógicas do curso. Um curso extinto pode ter sido extinto porque foi mesmo planejado para ser oferecido apenas para uma ou duas turmas. No entanto, é importante ter consciência destes dados para se repensar os processos que envolvem a aprendizagem, a avaliação desta aprendizagem e a mediação pedagógica em cursos oferecidos nesta modalidade.

As dificuldades de aprendizagem e a complexidade da avaliação da aprendizagem na EAD, são problemas enfrentados tanto pelos professores, quanto pelos estudantes em cursos a distância. Estas dificuldades, também, estão apresentadas nas estatísticas do censoEAD.BR (Ibid., p. 20), onde outros problemas são constatados e que são significativos no que compete à formação de professores para docência em cursos a distância, os quais são: a resistência dos professores e as dificuldades de adaptação à nova modalidade de ensino.

Um exemplo das dificuldades encontradas no que diz respeito à avaliação da aprendizagem dos estudantes em cursos a distância pode ser observado no seguinte relato de uma das autoras deste artigo: *“Em uma turma da disciplina de Lógica para Computação, do curso de Bacharelado em Sistemas de Informação, aconteceu um fato curioso. Um dos questionários de correção automática do ambiente virtual Moodle apresentou erro de configuração das respostas. O feedback do questionário mostrava que as respostas corretas estavam incorretas. No entanto, as respostas estavam corretas, o que deixou os estudantes instigados a compreender como aquele exercício resultava errado. No entanto, os estudantes não sabiam que o questionário de correção automática do Moodle estava com problema de configuração. Logo, um grupo de estudantes mobilizou-se para compreender o que estava acontecendo e interagiram intensamente utilizando diversos recursos tecnológicos, como o fórum de discussão, o bate-papo, ambos, do Moodle e, também, houveram trocas de mensagens no grupo da turma na rede social Facebook. Em um intervalo de 24h, a turma movimentou-se em diversos ambientes online para compreender o que estava acontecendo, com o objetivo de comprovar que a resposta digitada por eles estava correta e, que o problema estava no questionário do Moodle. Alguns estudantes interagiram e, compartilharam diversos tipos de*

materiais encontrados na internet, como: vídeos no Youtube, e-books, apresentações no SlideShare, textos em arquivo Adobe Acrobat (.PDF) e em arquivos Microsoft Word (.DOC). A dúvida dos estudantes resultou em uma aprendizagem significativa sobre aqueles conceitos em estudo. Uma das conclusões deste fato, foi que, primeiramente, os estudantes que foram sujeitos ativos nesta discussão, obtiveram um melhor aproveitamento na avaliação presencial, se comparado com outros estudantes que não interagiram nos ambientes online. Outra observação a ser considerada é que muitos destes estudantes que interagiram nos ambientes online, não acertaram as questões introdutórias, consideradas de fácil resolução, mas acertaram as questões que estavam relacionadas ao problema do questionário, que eram questões com um maior nível de complexidade”.

Este relato mostra o quanto é importante oferecer situações didáticas que proporcionem condições para que os estudantes vivenciem a comunicação entre seus pares em rede e mediada pelo computador. Este acontecimento com o questionário não foi previsto no planejamento pedagógico da disciplina. O erro no questionário aconteceu porque as deduções na lógica matemática são compostas por diversos símbolos matemáticos que não são comuns e, o editor da caixa de texto do ambiente virtual *Moodle* não estava configurado para aceitar as diversas possibilidades de digitação dos caracteres especiais para as respostas. No final deste acontecimento, a pesquisadora, uma das autoras deste artigo, precisava definir como avaliar os estudantes nesta situação. Os estudantes começaram a questionar como seriam avaliados, se o questionário valeria pontos ou não e, se seriam avaliados pelas trocas de mensagens nos ambientes *online*. Então, como avaliar as interações dos estudantes em diversos recursos tecnológicos, como os que foram utilizados: fóruns de discussão e bate-papos no ambiente virtual *Moodle* e, *posts* no grupo da turma na rede social *Facebook* ?

O que pode ser observado é a importância da comunicação entre os sujeitos em busca de respostas para uma questão em comum. Essa dinâmica levou-os a interagirem, aprenderem e compreenderem mais sobre os conceitos em questão. Este fato reforça a necessidade de se pensar em estratégias avaliativas que considerem as interações em ambientes *online* e em rede.

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo de caso típico de uma turma da graduação a distância e, que teve um alto índice de reprovação, para trazer à discussão a atual metodologia de avaliação da aprendizagem adotada na

maioria dos cursos a distância brasileiros, para que se possa pensar e repensar alternativas para o ato de acompanhar e avaliar a aprendizagem dos estudantes em cursos a distância.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO**

A avaliação da aprendizagem de um estudante não é tema de discussões somente nos dias atuais. A avaliação da aprendizagem é um assunto amplamente discutido pela comunidade acadêmica (LUCKESI, 2005, 2010), (ESTEBAN, 2004), (HOFFMANN, 2001, 2002), (VASCONCELLOS, 1998), (PERRENOUD, 1999) e (SILVA & SANTOS, 2011), que muitas vezes os educadores não chegam a um consenso sobre quais são as melhores práticas. De um lado, alguns educadores defendem a metodologia de avaliação tradicional, somativa (BLOOM, 1983), que tem a ênfase no “produto”, no resultado final e, por outro lado, educadores defendem as metodologias inovadoras para acompanhar e avaliar a aprendizagem dos estudantes, de maneira formativa, priorizando o “processo” e a construção de saberes durante o “processo”. Essas metodologias são defendidas conforme o projeto pedagógico, a filosofia e os valores da instituição de ensino, e as concepções epistemológicas e educacionais que cada educador traz consigo.

Na EAD não seria diferente. Nesta modalidade de ensino, a avaliação é feita conforme o modelo pedagógico de EAD da instituição. Isto é, cada instituição de ensino tem um modelo próprio de gestão da EAD e, neste modelo, as metodologias de ensino, aprendizagem, acompanhamento e avaliação, estão definidas.

Para atingir o objetivo deste artigo, que é refletir sobre novas possibilidades de avaliação da aprendizagem na EAD, apresenta-se três questões norteadoras para a discussão, a saber: 1) como os estudantes aprendem em interação com as tecnologias do virtual ? 2) qual a relação que existe entre o desempenho acadêmico e a interação em ambientes *online* ? e, 3) como a mediação docente contribui para a aprendizagem *online* ? Com base nestas questões, a próxima seção apresenta um estudo de caso para ilustrar as dificuldades encontradas em uma situação prática de docência na EAD e, alguns apontamentos importantes são apresentados. No entanto, estes apontamentos não respondem as questões acima

na sua totalidade, mas conduzem a uma reflexão sobre que cursos a distância se oferece atualmente e, que cursos a distância se quer para o futuro.

## ESTUDO DE CASO

Para iniciar a discussão, tem-se como exemplo, a análise de desempenho dos estudantes de uma turma de graduação a distância, da área de Computação e Informática, oferecida no período de 2011/1, em uma instituição de ensino superior brasileira, credenciada e reconhecida pelo MEC.

A disciplina em questão é Lógica para Computação, oferecida no primeiro semestre do curso, com carga-horária de quatro créditos, totalizando sessenta horas-aula. O trabalho desenvolvido com os estudantes efetiva-se em um bimestre definido em nove semanas e contempla conteúdos de lógica matemática. Os materiais didáticos digitais são disponibilizados como arquivos no formato (.PDF) e vídeo-aulas, ambos distribuídos em nove módulos. A comunicação entre professor e estudantes é realizada em oito encontros síncronos, com duração de uma hora e, suporte tecnológico da ferramenta *chat*, do ambiente virtual *Moodle*. Além dessa ferramenta de interação e comunicação, a comunicação entre professor e estudantes é realizada a partir dos fóruns de discussão, das mensagens individuais e do correio eletrônico.

A Tabela 1 apresenta o total de estudantes matriculados na turma, o total de estudantes aprovados e, o total de estudantes reprovados. É importante destacar, que a maioria dos estudantes já atuam profissionalmente na área do curso, são pessoas com idade acima de vinte e quatro anos, a maioria do sexo masculino e, são residentes na região metropolitana dos estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e Paraná (PR), estados da região sul do Brasil.

Tabela 1. Total de estudantes matriculados, aprovados e reprovados

Situação dos Estudantes	Turma 2011/1	%
Matriculados	63	100,0 %
Aprovados	15	23,8 %
Reprovados	48	76,2 %

A avaliação da aprendizagem dos estudantes foi composta por uma média ponderada que considera duas notas: a primeira nota (30%) trata da interação do

estudante no ambiente virtual de aprendizagem, bem como a produção do bimestre; e a segunda nota (70%), refere-se ao desempenho do estudante em uma prova escrita, presencial, individual, com consulta ao livro didático. Entende-se por “produção do bimestre” como sendo as participações nos fóruns de discussão, as participações nos *chats*, a entrega de trabalhos escritos em arquivos do *Microsoft Word* e, o envio de questionários de correção automática, nos prazos estabelecidos desde o início da disciplina.

Observa-se que 76,2% dos estudantes foram reprovados e, apenas 23,8% obtiveram aprovação. O caso apresentado requer algumas considerações importantes, quanto às possibilidades de interação entre os sujeitos no ambiente virtual de aprendizagem e, quanto à metodologia de avaliação aplicada, porque os números apresentados na Tabela 1 são, alarmantes, no sentido de que do total de 63 estudantes matriculados, apenas 15 obtiveram aprovação.

A primeira consideração importante a ser comentada é quanto à metodologia de avaliação utilizada nesta turma, que valoriza a prova escrita, individual e, pontual, realizada em uma determinada data previamente agendada. Esta avaliação, segundo Bloom (1983), é caracterizada como uma avaliação somativa que prioriza o “produto final” em detrimento do “processo”. Isto mostra mais uma vez, que o “ato de avaliar” os estudantes, segundo Luckesi (2005), é muito confundido com o “ato de examinar”. Segundo o autor, o ato de examinar tem como função a classificação do estudante em “aprovado” ou “reprovado”, a partir de notas (zero a dez) ou, por conceitos (A, B, C, D). O exame, como “ato de examinar” não considera se os estudantes aprenderam e construíram conhecimentos, pois o que importa é somente a classificação dos que aprenderam e dos que não aprenderam. O ato de examinar como foi concebido está fortemente ligado ao paradigma tradicional de ensino, onde o estudante não sabe nada e, o professor é o detentor de todos os saberes, praticando a educação bancária amplamente criticada por Freire (1982).

Cipriano Luckesi (Ibid., 2005) afirma que, o “ato de avaliar é o mesmo em toda e qualquer circunstância. Avaliar é investigar a qualidade de algo ou alguma coisa, é a qualidade do resultado de uma prática. Na educação, tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessário. Assim, a

avaliação é diagnóstica e formativa. Dessa forma, nessa perspectiva, o professor tem em suas mãos o conhecimento sobre o estado de aprendizagem do seu estudante e, assim, poderá intervir de forma contínua e constante, durante todo o processo de aprendizagem”.

A metodologia de avaliação utilizada neste caso não avalia o “processo” e sim, avalia o “produto final”, não considerando o progresso constante e contínuo das aprendizagens dos estudantes observadas nas interações dos ambientes virtuais.

A segunda consideração importante a ser comentada é quanto às possibilidades de interação entre os sujeitos. A partir do momento, em que os próprios estudantes estiveram motivados a compreender um fenômeno de interesse comum e, para isso, utilizaram-se de diversos recursos tecnológicos, entre estes as redes sociais, evidencia-se a importância deste recurso como subsídios para acompanhar e avaliar qualitativamente os progressos da aprendizagem dos estudantes em ambientes virtuais, *online* e em rede.

Para compreender os resultados do desempenho dos estudantes, foi realizado uma comparação entre a quantidade de acessos que o estudante fez às diversas ferramentas do AVA e a sua nota final na disciplina. Os resultados mostraram que nem todos os estudantes que tiveram um maior número de acessos ao ambiente virtual de aprendizagem, obtiveram as melhores notas e, que estudantes que tiveram poucos acessos ao AVA, conseguiram boas notas finais. Concluiu-se então, que não é a quantidade de acessos ao ambiente que contribui para a aprendizagem dos estudantes na educação a distância e, sim, a qualidade das suas interações, tanto no ambiente virtual *Moodle*, quanto nas redes criadas pela turma desde o início da disciplina. Os estudantes que conseguiram interagir com os colegas a partir de *e-mail*, fórum de discussão, *chat* e, também, no grupo da turma criado na rede social *Facebook*, obtiveram melhores notas nas avaliações presenciais.

Após analisar o estudo de caso apresentado, quanto às possibilidades de interação e quanto à metodologia de avaliação aplicada, a próxima seção apresenta algumas considerações finais, mas provisórias. Provisórias porque são considerações sobre um recorte da pesquisa que está em andamento, em nível de Doutorado e, que segue com outros questionamentos para além deste texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o contexto atual da EAD no Brasil, a partir do crescimento da oferta de cursos crescendo a cada dia, dos resultados das avaliações de cursos apresentados no portal do MEC e, do estudo de caso apresentado neste texto, é importante que professores, gestores e equipes pedagógicas das instituições de ensino superior, reflitam sobre novas possibilidades de interação, mediação e, avaliação da aprendizagem em cursos a distância.

É necessário que o professor consiga desenvolver atividades didático-pedagógicas que priorizem a interação mútua (PRIMO, 2003) entre todos os sujeitos. Esta interação pode ser feita a partir do uso de recursos da *Web 2.0*, que podem ser incorporados ao ambiente virtual de aprendizagem institucional e, serem utilizados como principal dinâmica de interação na EAD.

Segundo Santos (2010), “*a modalidade online, enquanto ‘fenômeno da cibercultura’ traz em sua condição digital as possibilidades da Web 2.0, como, por exemplo, o estar-junto online, colaborativo e dialógico nas interfaces Fórum, Chat, Wiki, Blog, Redes Sociais, entre outras*”. Os *Blogs, Wikis* e, principalmente, as *Redes Sociais* como *Facebook* e *Twitter*, são possibilidades de interação e comunicação a serem consideradas no planejamento pedagógico dos novos cursos. É importante que o professor consiga reconhecer o espaço virtual (LÉVY, 1996, 1999) como mais um espaço educativo (BARROS, 2008), onde se possa compartilhar, colaborar, interagir, ser autor e coautor de trabalhos realizados em grupos, numa comunidade que vive e convive em rede. E, a partir desta vivência e convivência em rede será possível acompanhar, orientar e avaliar o “processo” de aprendizagem dos estudantes sob um aspecto mais formativo e menos somativo. Acompanhando os caminhos trilhados pelos estudantes em uma comunidade em rede e *online*, o professor poderá orientar e sugerir novos rumos para a aprendizagem dos estudantes. Os históricos destas interações ficam armazenados e o professor pode utilizar estas informações para compor uma avaliação mais qualitativa do processo de aprendizagens do estudante, em detrimento de uma avaliação, essencialmente, quantitativa, que apenas enfatiza o produto final.

As três questões norteadoras que conduzem a escrita deste texto não foram respondidas na sua totalidade. No entanto, este é o ponto de partida para a pesquisa de novas possibilidades de avaliação da aprendizagem na EAD, que está em andamento.

No que diz respeito à questão norteadora 1) como os estudantes aprendem em interação com as tecnologias do virtual, o que se pode afirmar é que o estudante desta nova geração não pensa como os estudantes pensavam há uma década atrás (VEEN & VRAKING, 2009). Os estudantes de hoje foram crianças que nasceram com acesso às tecnologias em casa, relacionam-se com amigos em redes sociais e resolvem seus problemas de forma colaborativa na rede. Logo, estes estudantes têm uma nova lógica de aprender usando as tecnologias do virtual a seu favor.

Quanto à questão norteadora 2) qual a relação entre o desempenho acadêmico com a interação em ambientes virtuais, pode-se afirmar que os estudantes que obtiveram as melhores notas foram os estudantes que mais interagiram com o professor e com os colegas, por meio dos ambientes virtuais. É importante salientar, que o tópico da disciplina que causou mais dúvidas e o que foi mais discutido no ambiente virtual, foi a parte da avaliação escrita que estes estudantes obtiveram o maior número de acertos. Observou-se que os conceitos introdutórios da disciplina, considerados mais fáceis, não teve o mesmo número de acertos na avaliação escrita. Os conceitos mais complexos, que geraram mais dúvidas e que provocou uma maior interação entre o professor e os estudantes, teve maior número de acertos na avaliação presencial.

E, quanto à questão norteadora 3) qual a importância da mediação docente para a aprendizagem na EAD, sem dúvida a atuação do professor é um aspecto muito importante para a aprendizagem. Isto porque é o professor que integra o grupo ao contexto da disciplina, observa as dificuldades do grupo, propõe novos caminhos de estudo, orienta o grupo para reflexões sobre as dificuldades, relacionando os conceitos teóricos com a solução de problemas na prática. A mediação pedagógica do professor é tão importante quanto a qualidade dos materiais didáticos disponíveis no ambiente virtual, porque é o professor que conduz o processo de reflexão sobre as questões da disciplina. O acompanhamento constante, por parte do professor, permite que a avaliação da

aprendizagem seja de caráter formativo, com ênfase no “processo” e não no “produto final”.

A qualidade de um curso a distância está relacionada ao quanto os estudantes conseguem aprender e construir conhecimento, em interação e colaboração, com os professores e seus pares, no ambiente virtual de aprendizagem. Constata-se a necessidade de se pensar estratégias para acompanhar as interações dos sujeitos nos ambientes virtuais de aprendizagem e nas redes sociais, para que possam servir de subsídios “qualitativos” para avaliar a aprendizagem na EAD.

A partir da análise deste estudo de caso, pode-se afirmar que, com o advento das redes, mais especificamente, das redes sociais, a aprendizagem passa ser, também, em rede, isto porque, atualmente, as pessoas comunicam-se em rede, aprendem em rede e, muitas coisas acontecem na rede. Hoje, o ser humano vive uma transição de uma sociedade hierárquica para uma sociedade em rede, de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento (VEIGA-NETO & SARAIVA, 2009). Na sociedade industrial, o que agregava valor à uma empresa era a quantidade de máquinas que a empresa possuía, isto é, quanto mais máquinas, mais produção e, mais lucro para o empresário. Na sociedade do conhecimento, o ser humano tem valor, quanto mais talentos uma empresa conquistar, mais sucesso terá nos negócios. Neste sentido, “para desenvolver um talento faz-se necessário criatividade e, pra isso o homem precisa de liberdade. Estas necessidades da sociedade do conhecimento, estão mudando as estruturas das empresas, dos governos e, das escolas” (MOSE, 2013).

A avaliação da aprendizagem na EAD requer rupturas com o modelo tradicional de avaliação, historicamente, cristalizado na sala de aula presencial. Se o professor não quiser subutilizar as potencialidades próprias do digital, do *online* e, em rede, ou se não quiser repetir os mesmos equívocos da avaliação tradicional, terá de buscar novas posturas, novas estratégias de engajamento no contexto mesmo da docência e da aprendizagem e aí redimensionar suas práticas de avaliar a aprendizagem e a própria atuação (SILVA & SANTOS, 2011).

Neste momento, surge a necessidade de se pensar estratégias inovadoras para implementar o ato de “avaliar” no contexto da Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999). Estas estratégias precisam contemplar o coletivo em rede,

sem perder a atenção sobre o desenvolvimento individual dos sujeitos na EAD. No entanto, estas estratégias precisam ser muito bem discutidas quanto à viabilidade da sua aplicação na prática, para não serem deixadas de lado, em benefício do uso das tradicionais metodologias de avaliação tão amplamente criticadas.

Uma sugestão para acompanhar a aprendizagem dos estudantes na EAD, considerando aspectos qualitativos, é o uso de *e-portfólios* (CARVALHO & PORTO, 2005) e o uso de mapas conceituais (SILVA, 2012, p. 178).

Finalmente, após o estudo do contexto atual da EAD brasileira, da análise deste estudo de caso e, do advento das redes, as autoras deste artigo, sugerem a definição de critérios, subsídios e/ou rúbricas, que considerem as interações dos sujeitos nas redes, mais especificamente, nas redes sociais, onde o professor possa analisar, qualitativamente, quais são os conceitos e as relações entre estes conceitos que o estudante consegue fazer durante todo o processo de aprendizagem. A aprendizagem na EAD somente será constatada quando mudarem os espaços, os tempos e as metodologias de ensino, aprendizagem e de avaliação, para então se pensar em uma educação menos a distância e mais online.

## REFERÊNCIAS

Abraead. (2008). *Um em cada 73 brasileiros estuda a distância*. 2008. Retirado de <http://www.abraead.com.br/noticias.cod=x1.asp>.

Barros, D. M. V. (2008). *Reflexões de base para a Educação a Distância: o virtual como novo espaço educativo*. Revista UDESC Virtual. V. 1. Nr. 2. 2008. Retirado de <http://revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/viewFile/1650/1329>.

Bassani, P. B. (2006). *Mapeamento das interações em ambiente virtual de aprendizagem: uma possibilidade para avaliação em educação a distância*. Tese (Doutorado) – PPGIE. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Bloom, B. et al. (1983). *Manual da Avaliação Formativa e Somativa do Aprendizado Escolar*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.

Carvalho, M. J. S.; Porto, L. S. (2005) *Portfólio educacional: proposta alternativa de avaliação, guia didático*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Volume I. Trad. Roneide Venâncio Majer e Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Censoadbr. (2011). *Censo da Educação Superior a distância*. Associação Brasileira de Educação a Distância. Retirado de <http://www.abed.org.br/censoead/censo2012.pdf>.

Censo. (2012). *Censo da Educação Superior*. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Retirado de <http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior>

Emec. (2011). *Informações sobre a Avaliação dos cursos*. Retirado de <http://emec.mec.gov.br/>.

Esteban, M. T.; Silva, J. F.; Hoffmann, J. (Org.). (2004). *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre: Mediação, 2ª ed. 2004.

Freire, P. (1982). *Pedagogia do Oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Hoffmann, J. (2001). *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

Hoffmann, J. (2002). *Pontos e contrapontos*. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

Inep. (2008). *Educação a distância cresce ainda mais entre os cursos superiores*. 2008. Retirado de <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0369.html>.

Inep. (2011). *Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação*. Retirado de <http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse>.

Koehler, C.; Carvalho, M. J. S. (2012). *Interação mútua e docência mediadora: subsídios para avaliar a aprendizagem na educação online*. In: Proceedings TISE-2012 - XVII Congresso Internacional de Informática Educativa. pg. 367-368. J. Sánchez, Editor, Santiago, Chile, 2012.

Koehler, C.; Carvalho, M. J. S. (2013). *Por uma educação a distância mais online: reflexões sobre aprendizagem e avaliação*. Revista Novas Tecnologias na Educação. CINTED/UFRGS. V. 11. No 01. Julho, 2013. Retirado de <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/41707/26456>.

Lévy, P. (1996). *O que é o virtual ?* São Paulo: Ed. 34,1996.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34,1999.

Luckesi, C. C. (2011). *Avaliação da aprendizagem escolar. Estudos e proposições*. São Paulo: Editora Cortez, 2011, 22ª ed.

Luckesi, C. C. (2005). *Avaliação da aprendizagem... mais uma vez*. Revista ABC EDUCATIO. Nº 46. Junho/2005. p. 28-29. Retirado de [http://www.luckesi.com.br/textos/abc\\_educatio/abceducatio\\_46\\_avaliacao\\_da\\_aprendizagem\\_mais\\_uma\\_vez.pdf](http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducatio_46_avaliacao_da_aprendizagem_mais_uma_vez.pdf).

Máximo, L. F.; Barone, D. A. C.; Carvalho, M. J. S. (2008). *Informática e Avaliação na Educação a Distância na UFRGS: Um panorama de 1998 a 2008*. Revista Novas Tecnologias na Educação. Cinted/UFRGS. V. 6. No 1. Julho, 2008. Retirado de <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14448/8397>.

Mec. (2007). *Referenciais de qualidade da educação superior a distância*. Retirado de <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>.

Mosé, V. (2013). *Entrevista com a Filósofa Viviane Mosé, para a UMA.TV*. Belo Horizonte-MG. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=Zlr1VmBBOPs>.

Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Primo, A. (2003). *Interação Mediada por Computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. PGIE/UFRGS.

Santos, E. (2010). *Educação on-line para além da EaD: um fenômeno da cibercultura*. In: SILVA, M. et al. *Educação on-line: cenário, formação e questões didático-metodológicas*. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

Schlemmer, E. (2002). *AVA: Um ambiente de convivência interacionista sistêmico para comunidades virtuais na cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese (Doutorado em Informática na Educação) Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

Silva, M. (2010). *Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade, cidadania*. São Paulo: Edições Loyola. 5ª edição.

Silva, M.; Santos, E. (2011). *Avaliação da aprendizagem em educação online: fundamentos, interfaces e dispositivos, relatos de experiências*. São Paulo: Edições Loyola. 2ª edição. 2011.

Silva, M. (2012). *Educação a distância (EAD) e Educação online (EOL) nas reuniões do GT 16 da ANPED (2000-2010)*. Revista Teias v. 13, n. 30, 95-118, set./dez. 2012. Retirado de <http://www.periodicos.proped.pro.br>.

Silva, M. (2012). *Formação de professores para docência online*. Rio de Janeiro: Edições Loyola. 2012.

Teixeira, A. C. (2010). *Inclusão Digital – Novas Perspectivas para a Informática Educativa*. Ijuí: Editora Unijuí. 2010.

Vasconcellos, C. (1998). *Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudança: por uma práxis transformadora*. 3. ed. São Paulo: Libertad, 1998.

Veen, W.; Vrakking, B. (2009). *Homo Zappiens: educando na era digital*. Trad. de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Veiga-Neto, A.; Saraiva, K. (2009) *Modernidade Líquida , Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea*. Revista Educação e Realidade. V. 34. No 2. Maio/Ago, 2009. Retirado de <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8300/5538>.